



A construção de uma identidade democrática para Teseu: uma comparação entre Baquíledes (ditirambos 17 e 18) e Eurípides (*As Suplicantes*)

The fabrication of Theseus' democratic identity:
a comparative analysis between Bacchylides's dithyrambs 17
and 18 and Euripides' *The Suppliant Women*

Waldir Moreira de Sousa Junior¹

e-mail: wsousajr@yahoo.com

orcid: <http://orcid.org/0000-0001-6130-871X>

DOI: <http://dx.doi.org/10.25187/codex.v5i2.12501>

Resumo:

O propósito deste artigo é identificar as características de Teseu, tal qual representado nos ditirambos 17 e 18 de Baquíledes, e no drama *As Suplicantes*, de Eurípides, que evidenciem um tratamento especial, na verdade, político, dado ao herói. Argumentarei que a democracia ateniense será evocada nesses poemas por meio de dois aspectos principais do herói: a belicosidade e a benevolência. Esses dois atributos serão a base para se construir um Teseu democrático, como se evidenciará principalmente a partir da peça de Eurípides em questão. Constatar-se-á que os citados ditirambos de Baquíledes, por sua vez, estarão nos primórdios de uma tradição poética ligada a Teseu que se estabelecerá juntamente com o regime democrático de Atenas.

Palavras-chave: Eurípides, Baquíledes, *As Suplicantes*, Ditirambo, Democracia

Abstract:

This article will seek to identify the political characteristics of the Athenian hero Theseus in Bacchylides' dithyrambs 17 and 18 and in Euripides' *The Suppliant Women*. I will argue that elements of Athenian democracy can be traceable in these poems by two main aspects of the hero: his bellicosity and his benevolence towards the weak. These two attributes shall be the fundamental principles to shape a democratic Theseus, such as will be seen mainly through the above cited Euripides' play. I will show that Bacchylides' dithyrambs 17 and 18, by their turn, can be located in the beginning of a particular poetic tradition related to Theseus that settle its basis along with the Athenian democracy.

Keywords: Euripides, Bacchylides, *The Suppliant Women*, Dithyramb, Democracy

¹ Bacharel em Letras (Português-Grego) pela Universidade de São Paulo (Brasil). Mestre em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (Brasil). Doutorando em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (Brasil) sob orientação da Prof. Dra. Adriane da Silva Duarte.



Introdução

Como Baquílides e Eurípides convergem no que diz respeito à formação da identidade daquele que se tornou o herói por excelência dos atenienses, Teseu? Este artigo pretende retomar algumas leituras políticas e ideológicas a respeito dos ditirambos 17 e 18 de Baquílides e fazer uma comparação com os dramas *As Suplicantes*, *Círon* e *Teseu* de Eurípides, focando especificamente na construção da imagem de Teseu. Explorar dados históricos concernentes à época da formação da Liga de Delos e do conseqüente imperialismo ateniense no mar Egeu será o instrumento por meio do qual se visualizará a composição prenunciadora de um Teseu democrático. À primeira vista, soa anacrônico pensar-se Teseu, herói pré-iliádico, como “democrático²”, mas, a despeito dessa defasagem temporal, Baquílides e Eurípides, poetas do século V a.C, não hesitaram em fazer uso do herói como representante da Atenas de seu tempo.

Como se relacionariam entre si a obra de Baquílides e de Eurípides? Os ditirambos 17, *Jovens ou Teseu*, e 18, *Teseu*³, as tragédias *As Suplicantes*, *Pirítoos* e *Teseu* e o drama satírico *Círon* têm como ponto em comum a fixação de uma imagem-padrão de Teseu: benevolente para com os amigos e desfavorecidos, implacável contra os malfeitores e inimigos.

Que traços em comum havia entre Baquílides e Eurípides quanto ao seu relacionamento com Atenas? A carreira de ambos foi muito devedora do ambiente cultural proporcionado por essa cidade. Para Eurípides, basta dizer: era ateniense, e nessa cidade produziu a substância de sua obra. A Baquílides, embora natural da ilha de Ceos, não raro são elencados elementos que visam

² A partir de Homero *Iliada* (1.265), podemos situá-lo num tempo anterior à guerra de Troia. Se considerarmos Clístenes (565 – 492 a.C) como um dos principais fundadores da democracia ateniense, então Teseu, filho de Egeu, pertence a um tempo mitológico bastante anterior.

³ É mister datar os ditirambos, uma vez que a argumentação deste trabalho preocupar-se-á em estabelecer ilações entre os poemas e os dados referentes ao contexto histórico de Atenas. Para o ditirambo 17, não há uma datação precisa. Mahler (1997) data o ditirambo do começo da década de 490 a.C, mas estudos mais recentes, como os de Pavlou (2012) e Irwin (2012), concordam em situá-lo por volta da década de 470 a.C. Datar o ditirambo 18 é igualmente uma tarefa conjectural. Como nota Mills (1997, p. 98), essa ode dataria do início da liga de Delos, podendo pertencer a um período que vai de 490 a 460 a.C. Flores (2006, p. 169) fornece como data possível o intervalo de 460-444 a.C, “período em que Atenas controlava a região de Mégara, o que explicaria a chegada de Teseu pelo Istmo, onde havia uma guarnição de efébos”. Mello (2012, p. 112), prefere o intervalo de 478-70 a.C. Por certo, ao menos, tem-se a Liga de Delos (seja em sua formação, seja em seu desenvolvimento posterior) como *background* histórico dos poemas.

a estabelecer uma ligação entre ele e a cidade de Atenas. Primeiro, é presumível que ele tivesse visitado a cidade e aí trabalhado⁴. Para Fearn (2007, p. 247), “Baquilides certamente estava, como o representante de Ceos da poesia pan-helênica de sua geração, e como um poeta que também trabalhou em Atenas, em uma posição única para produzir tal composição [ditirambo 17] e um ‘amálgama de identidades⁵’”. Há um caráter “político” na poesia de Baquilides, que incorporará em si, de certa forma, a relação Ceos-Atenas e que tenciona interpretar a história de Teseu sob prisma dos valores democráticos.

A partir dessas informações prévias de cunho histórico-político, passo à análise dos poemas, que pretende interpretar como tais dados foram relacionados com a figuração de Teseu para o século V a.C nas obras acima delimitadas.

Ditirambo 17: Jovens ou Teseu

Jovens ou Teseu é um ditirambo composto para ser apresentado no festival Délio, da ilha de Delos, em honra ao deus Apolo⁶. Constitui-se de um canto coral cuja performance estaria sob incumbência dos cidadãos da ilha de Ceos. O ditirambo é narrativo, “virtualmente um mito por inteiro” (Gerber, 1979, p. 359).

Em sentido político, o Teseu do ditirambo 17 é muitas vezes tido como o símbolo do domínio de Atenas sobre as ilhas do mar Egeu. Nas palavras de Fearn (2007, p. 242), por exemplo, esse ditirambo seria “um documento do imperialismo cultural ateniense”. Diversos estudos têm proposto um caminho interpretativo semelhante. Segundo Gisekam (1977), “o objetivo óbvio e principal do poema é a glorificação do ateniense Teseu por um coro de Ceos”. De fato, desde a década de 1980, Scodel (1984, p. 137) já notara que “o poema tem sido naturalmente tratado como um reflexo da *propaganda* ateniense”. Mais recentemente, Fearn (2007, p. 242) relaciona os atos de Teseu no ditirambo ao domínio ateniense sobre o mar Egeu,

⁴ Severyns (1933, p. 65), por exemplo, afirma que o poeta estaria em Atenas quando compôs a ode 19, *Io*, que é dedicada aos atenienses. *Contra*: Nicola (1934, p.320), que crê ser mais razoável afirmar que Baquilides estaria, ao contrário, em Ceos.

⁵ Além disso, a ilha de Ceos possuía vínculos antigos com os atenienses. Segundo Heródoto (8.46.2), “os habitantes de Ceos eram jônios de raça, de descendência ateniense”. Tradução do autor.

⁶ Há uma longa e rica discussão sobre a que gênero de fato pertenceria esse poema. Ver sobretudo Schmidt (1990) e D’Alessio (2013, pp. 119-122). Subscrevo o posicionamento de Fearn (2013, p. 133), que observa a flexibilidade cultural dos festivais dionisíacos e apolíneos, liberando-nos de problemas formalistas de retidão dos gêneros “ditirambo” e “peã”.

afirmando por fim que “Teseu usurpa Minos como talassocrata paradigmático” nessa região⁷. Do mesmo modo, Pavlou (2012, pp. 512-13), que tem o poema como uma “altamente politizada ode ceana”, parece concordar com Fearn que Baquilides teria dado um tratamento simbólico à vitória de Teseu sobre Minos. Por outro lado, Irwin (2012, pp. 52-63), embora estabeleça uma alusão diferente, não deixa de tratar o ditirambo em termos políticos: ela afirma que “o poema é virtualmente uma alegoria mitológica ideologicamente recontando a participação de Atenas nas guerras pérsicas”, concluindo, enfim, que Minos seria a representação de dois reis persas, Dario e Xerxes. Tais conclusões serão o ponto de partida de minha análise⁸.

Em resumo, a questão chave é a disputa entre Teseu, filho de Egeu, o rei de Atenas, e Minos, rei de Creta. Teseu acompanha os quatorze jovens atenienses (sete moças e sete rapazes) que foram ofertados pela sua cidade como tributo à Creta⁹. Durante a viagem, Minos sente forte atração por uma dessas jovens, Eribeia¹⁰, e toca com suas mãos o alvo rosto da menina, que grita em busca da proteção de Teseu. Nesse momento a rixa entre os dois se põe: Teseu não aceitará que a jovem seja assediada, mesmo que ela seja uma “prisoneira” de Minos, prestes a ser devorada pelo Minotauro em Creta¹¹. Assim, a fim de evitar um duelo armado em pleno mar, Minos urde uma “artimanha” e lança um desafio de paternidade. Se Teseu for realmente filho de Posêidon, o herói terá de se jogar ao mar e trazer de volta o anel atirado ao oceano. Minos, por sua vez, para provar sua paternidade divina, roga por um sinal a Zeus, que responde relampejando no céu.

A disputa parece injusta, visto que Teseu corre risco de vida se não for atendido por seu pai. Esse desnível entre os desafios, todavia, conferirá a Teseu, se ele vencer, mais brilho. De fato,

⁷ Fearn (2007, p. 255).

⁸ Neste artigo, utilizarei a tradução de Ragusa (2014) para o ditirambo 17 e de Mello (2012) para o ditirambo 18.

⁹ Há uma disputa teórica que indaga se Teseu faria parte dos 14 jovens oferecidos por Atenas para Creta, ou se ele se ofereceu para viajar com os jovens à parte. Ver Pieper (1972, p. 396). Seltman (1953, p. 98) afirma que Teseu se põe entre um dos jovens. Para Plutarco (*Teseu*, 17), Teseu vai voluntariamente. Dow (1967, p. 9), numa interpretação racionalista do mito, sugere que, historicamente, o tributo tenha sido, na verdade, sete toneladas de trigo e sete toneladas de cevada. Em *Héacles* de Eurípidés Teseu diz que salvou 14 jovens do touro de Cnosos (1326-27), ou seja, ele não era uma das vítimas oferecidas como tributo.

¹⁰ Eribeia seria a mãe de Ajax Telamônio, cf. Baquilides 13.100-105. Fearn (2013, pp. 145-6) discute sobre a origem dessa personagem e sobre a interpretação política dada a ela por Baquilides no ditirambo 17.

¹¹ Clark (2003), que estuda o significado do toque entre um homem e uma menina na poesia grega, nota que, para Minos, seria lícito ter Eribeia como sua acompanhante sexual, já que ela era sua prisoneira. Oeveren (1999) afirma que Minos não se importaria se seu gesto seria aceitável ou não. Na ode 1 de Baquilides, tal como ocorre com Eribeia, Minos também assedia uma menina *τι βᾰθύζωνον κόραν / Δεξιθέαν δάμασεν* (117-18). Este ato é feito com ajuda de Zeus (*Διὸς εὐκλείου δὲ ἕκα-τι*, 116-17).

ele é atendido, e seu retorno o cobre de glória. Ao fim, observa-se que Teseu é mais ricamente presenteado pelos deuses. Ele salta ao mar e é transportado por golfinhos¹² até o palácio de Posêidon, onde é recebido por Anfitrite. Lá ele vê as Nereidas dançando, e é abundantemente presenteado. Ao retornar à nau, Minos se espanta, e os jovens se alegram. O ditirambo, então, cria um antagonismo entre as duas figuras, construindo uma imagem elogiosa de Teseu em detrimento da de Minos. Tal antagonismo formará a base teórica da análise política proposta neste artigo, em que se entende Atenas (Teseu) se opondo a Creta (Minos). Para isso, será inicialmente analisada a representação de Teseu e suas implicações ideológicas.

O aspecto principal de Teseu que se quer aqui ressaltar é a proteção que ele oferece a Eribeia. Este será o aporte inicial que possibilitará visualizar um Teseu “democrata”. Para Pieper (1972, p. 395), a contraposição entre Teseu e Minos não se dá apenas no terreno genealógico, “ao contrário, a partir de uma série bem desenvolvida de epítetos, de repetições verbais e de imagens, o poeta justapõe os dois heróis física, emocional e moralmente”. Minos, o já estabelecido rei de Creta, o violentador em potencial da juventude ateniense, representaria tudo o que Teseu não pode ser.

Baquílides se vale de três epítetos para caracterizar Teseu. O primeiro é “firme no estrondo da luta” (μενέκτυπον). De início, marcadamente se vê, portanto, uma caracterização bélica. O segundo epíteto possui o mesmo teor. Quando Eribeia reage gritando ao toque de Minos, aí Baquílides descreve o herói como χαλκοθώρακα (“de brônzea couraça”). Esse aspecto bélico tem uma nuance especial. Segundo Pieper (1972, p. 396), “χαλκοθώραξ se refere a uma armadura de proteção, e é como protetor dos jovens atenienses que Teseu atenta ao grito de Eribeia”. À vista disso, é possível supor que Baquílides propositadamente realce tal aspecto, uma vez que pareceria incomum que uma viajante proveniente da cidade tributária estivesse armado. Como Plutarco lê em Helânico (*Teseu*, 17.3), os jovens atenienses não poderiam carregar nenhum tipo de armamento. Uma vez Teseu carrega tal armadura, portanto, desde início é marcada sua posição belicosa e protetora¹³.

Também é possível considerar a reação de Teseu ao ouvir o grito de Eribeia como simbólica: “sob os sobrolhos negros / olhos revolveram-se, e em seu coração - / dor cruel o lacerou” (μέλαν δ’ ὑπ’ ὀφρύων / δίνασεν ὄμμα, καρδίαν τέ οἱ / σχέτλιον ἄμυξεν ἄλγος, 17-19). A expressão facial de Teseu tem um significado latente. Clark (2003, pp. 139-40)

¹² Os golfinhos, como nota Pavlou (2012, pp. 516-18) podem ser tidos como símbolos de Posêidon e de Dioniso. A autora, porém, argumenta que os golfinhos da Ode 17 seriam marcadores epifânicos de Apolo Delfínios.

¹³ Ver nota 5 que discute se Teseu estaria na embarcação de Minos como voluntário ou como uma das vítimas.

demonstra que ela tem conotação social semelhante ao épico ὑπόδρα ἰδὼν (“olhar sob a sobancelha”), que indica a intenção de cessar imediatamente uma ofensa contra o decoro social. À vista disso, a autora sugere que a audiência de Baquílides também possa ter entendido a expressão facial de Teseu como indignação advinda do abuso de alguém forte contra alguém mais fraco.

O último epíteto utilizado para descrever Teseu adiciona um aspecto variado, e complementar, à representação defensiva do herói. O adjetivo do sintagma “o herói excelente na lança” (ἀρέταιχμος ἦρωες, 47), conforme nota Pieper (1972, p. 396), refere-se “a uma arma ofensiva, e sublinha a *areté* de Teseu de ousar a se contrapor a Minos”. Em dois momentos diferentes, Baquílides, portanto, completa a figuração bélica de Teseu. Ao Teseu “de peitoral de bronze”, assim descrito aquando do pedido de socorro de Eribeia, junta-se o “excelente na lança”, que é utilizado quando ele encerra seu discurso ao mesmo tempo protetor e ameaçador. Em outras palavras, Teseu é capaz não apenas de defender os desprotegidos, mas também de tomar a ofensiva para fazer valer sua defesa.

Ora, o discurso democrático de Teseu em *As Suplicantes* trabalha justamente com a oposição forte *vs.* fraco, asseverando que esse regime político é eficaz em igualar o pobre e o rico perante a lei: “o povo governa em sucessão ano após ano, não dando preferência ao mais rico, mas o pobre tendo igualdade com o rico¹⁴” (δῆμος δ’ ἀνάσσει διαδοχαῖσιν ἐν μέρει / ἐνιαυσίαισιν, οὐχὶ τῷ πλούτῳ διδοὺς / τὸ πλεῖστον, ἀλλὰ χῶ πένης ἔχων ἴσον, 406-8). O Teseu do ditirambo 17 é associado, nesse sentido, à imagem representativa dos valores que promovem a igualdade, ou seja, o herói encarna um valor distintivo da democracia tal qual entendida em *As Suplicantes*. De fato, a imagem feita de Teseu por Baquílides se deu quase que concomitantemente a um período em que, segundo Davie (1982, p.26), “a súbita proliferação das aventuras de Teseu nas pinturas de vaso do final do século VI a.C. em diante tinha algumas relações com a democracia emergente”. Apesar de Teseu pertencer a uma linhagem da nobreza ateniense (seu pai Egeu era rei de Atenas), a tentativa de ligar seu nome ao novo regime político da cidade é visível. Den Boer (1969, p.5) já notara que “o *rei* Teseu não pode ser reconciliado com a cidade-estado democrática na qual os atidógrafos viveram; e, mesmo assim, a tradição fez dele um bom rei, e esses historiadores nunca duvidaram disso”.

Por outro lado, aquilo que é oposto a esse valor será encarnado na figuração de Minos, que representa tudo o que é oposto a Teseu. No ditirambo em questão, nota-se que a atitude de Teseu é também justificada dentro do enredo por meio da desqualificação das atitudes de Minos.

¹⁴ Todos os trechos provenientes das peças de Eurípides utilizados neste artigo foram traduzidos pelo autor.

O primeiro e único discurso de Teseu (20–46) trabalha com valores fundamentais da sociedade grega, e a Minos se atribuem características negativas. Assim, Teseu condena a “soberba violência” (μεγαλοῦχον βίαν, 23), a “pesada artimanha” (βαρεῖαν μῆτιν, 28–9), e a “multilutuosa insolência” (πολύστονον ὕβριν, 40–1) do soberano cretense. Todos esses atributos, então, figurados em apenas uma pessoa, podem ser subentendidos politicamente como pertencentes a um regime que confere plenos poderes a uma só pessoa¹⁵.

Teseu, ao contrário, é comedido. Ele não apenas representa o oposto desses valores, como estrutura seu discurso a partir de valores convencionais. Assim, a situação de desequilíbrio desencadeada por Minos é explicada e censurada por termos tais quais: “o destino todopoderoso” (μοῖρα παγκρατῆς, 24), “pratos da balança de Díke” (Δίκας τάλαντον, 25–6), “cumpriremos como lote dado” (πεπρωμέναν / αἶσαν ἐκπλήσομεν, 26–7) e “o que disso sobrevier o nune julgará” (τὰ δ’ ἐπιόντα δαίμων κρινεῖ, 46). Teseu, como um herói reverente, está, portanto, justificando seu proceder de acordo com os valores gregos religiosos.

Em sua figuração de herói atento a tais valores, ele ainda se utiliza de genealogias divinas para interpelar Minos e resistir à sua ação. De início, invoca Minos como “ó filho insuperável de Zeus” (Διὸς υἱὲ φερτάτου, 20). Então ele apresenta Minos como gerado pela filha de Fênix (Europa) em união com Zeus no monte Ida, em Creta¹⁶ (29–33), enquanto nota outrossim a própria origem divina, afirmando ser fruto da união da filha de Piteu, Etra, com o deus Posêidon¹⁷ (28–36). Curiosamente, porém, Teseu não faz nenhuma oração ou pedido ao seu pai antes de saltar ao mar. Para Burnett (1985) esse ato de Teseu é um milagre em si¹⁸.

¹⁵ No conjunto da obra de Baquilides, é possível encontrar Minos, de fato, descrito como “rei”. No seu epinício 1, para performance também em Ceos, esse herói é ἀρ[ῆ]ος (“bélico”, 113), é chefe de uma grande frota de cinquenta navios (115), e é identificado como βασιλεὺς Εὐρωπαϊάδας (“rei filho de Europa”, 124). Niemeier (2004, p. 395) entende o epinício 1 de Baquilides como uma notícia da supremacia cretense e pode-se dizer que o mesmo se dá no ditirambo 17, a saber, a simbolização de tal supremacia em Minos.

¹⁶ Cf. Gerber (1970, p. 361).

¹⁷ Teseu é filho de Posêidon ou de Egeu no ditirambo 17? Nos versos 15–16, Eribeia grita para o “descendente de Pandião”, ou seja, menciona-se aqui o pai de Egeu. Ao mesmo tempo, o próprio Teseu afirma que sua mãe, Etra, gerou-lhe “achegando-se de Posêidon marinho” (35–6). Gerber (1970, p. 361) nota que “originalmente, ‘Egeu’ era apenas outro nome para Posêidon, mas, mais tarde, eles foram separados e Egeu, o filho de Pandião, tornou-se um herói ateniense. O mito explica a dupla paternidade de Teseu dizendo que Posêidon visitou Etra na mesma noite em que esta se uniu a Egeu”. Para Davie (1982, p. 26), a ode 17 como um todo responde a motivações religiosas: Baquilides enfatizaria, assim, a ascendência divina de Teseu e, indiretamente, a proteção de Atena direcionada a ele.

¹⁸ A autora compara a confiança de Teseu ao saltar ao mar com os personagens Tantálida e Proteu da Ode 11 de Baquilides. Aos olhos de Minos, a ação devia ter algo de suicida, assim como Proteu, que decide cravar a espada no peito. Kohn (2008, p. 382), lidando com uma tradição posterior, a saber, euripídiana (*Hipólito*), lembra que Posêidon havia concedido a seu filho, Teseu, o cumprimento de três pedidos. Assim, antes de concluir que esses pedidos são uma invenção do tragediógrafo, ele nota que Baquilides poderia ter feito menção disso.

Por derradeiro, deve-se notar que o discurso de Teseu cumpre o mesmo movimento, de defesa ao ataque, da descrição do herói feita por Baquilides. Sua atitude protetora se dá no início de sua fala com um imperativo: “refreia!” (ἴσχε, 23). Já sua ofensiva se dá no desfecho de seu discurso: “antes disso, mostraremos a violência de nossas mãos” (πρόσθε χειρῶν βίαν / δείξομεν, 45-6). Ao impedir que Minos avance contra Eribeia, estabelece-se sua imagem de libertador da opressão. Ao mesmo tempo que é incisivo em sua defesa – seu discurso contém dois verbos no modo imperativo e uma exortação (ἴσχε, 23, κάτεχε, 28, κέλομαι, 40) –, ele também o é em sua ameaça. Fica claro que Teseu não se fia apenas nas palavras. Caso Minos não retroceda, ele terá de partir para a luta.

Diante dessa figura elevada de Teseu, os jovens atenienses e Minos reagem de maneira diversa. Aos primeiros vem o espanto: “espantaram-se os nautas / com a orgulhosa ousadia / do mortal” (τ]άφον δὲ ναυβάται / φ]ωτὸς ὑπεράφανον / θάρσος, 48-50). A Minos vem a cólera: “encolerizou o coração do genro de Hélio” (Ἀλίου τε γαμβρῶ χολώ[σατ’ ἦτορ, 50). Segue-se a isso, então, o desafio propriamente dito: ao invés de Teseu e Minos iniciarem uma batalha, ficará a encargo dos deuses resolver o impasse. Minos pede um sinal para Zeus (53-57) e desafia Teseu a buscar seu anel no fundo do mar, onde deveria ser recebido por Posêidon: “traz este / áureo, esplêndido / adorno de dedo do mar profundo, / atirando o corpo ousadamente à casa de teu pai” (τόνδε χρύσειον / χειρὸς ἀγλαὸν / ἔνεγκε κόσμον ἐκ βαθείας ἀλός, / δικῶν θράσει σῶμα πατρὸς ἐς δόμους, 57-62).

Fica subentendido que o intuito de Minos era fazer com que Teseu morresse afogado, pois o desafio é descrito no poema como “nova artimanha” (ποταινίαν μῆτιν, 51-2). Notavelmente, por parte de Zeus, o pedido de Minos é bem aceito. Aliás, o poema deixa claras as intenções de Zeus: “gerou para Minos honra / eminente, querendo, pelo / filho, firmá-la visível a todos”, (ὑπέροχόν τε Μίνωϊ φύτευσε / τιμὰν φίλῳ θέλων / παιδὶ πανδερκέα θέμεν, 68-70). Assim, no seu segundo discurso, Minos, para reforçar o desafio e incentivar Teseu a saltar ao mar, faz Teseu antever a “glória” que Posêidon pode lhe conferir: “o filho de Crono, / soberano Posêidon, teu pai, / perfará para ti suprema / glória” (Κρονίδας / δέ τοι πατήρ ἄναξ τελεῖ / Ποσειδᾶν ὑπέρτατον / κλέος, 72-80). Aqui, o poema curiosamente, alterando o foco de Minos para Teseu, utiliza a partícula adversativa “δ’” que denota que o herói ateniense compreendeu que a intenção de Minos não é escoreita: “assim falou Minos, mas o peito de Teseu não se retraiu” (ὥς εἶπε· τῷ δ’ οὐ πάλιν / θυμὸς ἀνεκάμπτετ’, 81-2). Teseu demonstra, então, sensatez para perceber os planos ardilosos de seu adversário, e, ao mesmo tempo, fortaleza para cumprir a sua parte do desafio. Justamente nesse momento Teseu se joga ao mar. A reação de

Mínos evoca aquela dos jovens atenienses vista acima: “espantou-se o filho de Zeus em seu / coração” (τά[φ]εν δὲ Διὸς υἱὸς ἔνδοθεν / κέαρ, 86-7). Os verbos, de fato, são os mesmos: τάφον (48) para os jovens e τάφεν (86) para Mínos.

De maneira geral, as narrativas sobre a descida de Teseu ao mar e sobre seu retorno são extremamente elogiosas ao herói¹⁹. O mar o acolhe benevolmente (θελημὸν, 85). Quando ele retorna “seco da salmoura” (ἀδίαντος ἔξ ἄλως, 122), vê-se perfeito um movimento sentimental que se repetirá na Ode 18: Teseu causa primeiro o temor, depois a esperança. Ao saltar, o grupo de jovens atenienses exprime uma reação negativa: “tremeu a estirpe / de jovens atenienses” (τρέσσαν δ’ Ἀθηναίων / ἠϊθέων πᾶν γένος, 92-3). Note-se, então, que esse grupo foi do espanto (48) ao temor. Adiante, já de volta à nau, assim é caracterizada a reação dos jovens²⁰: “e as moças / de esplêndidos tronos, com alegria recém-fundada, gritaram alto, e / o mar ressoou forte; e perto os jovens / moços entoaram peã com voz amável” (ἄγλαό- / θρονοί τε κοῦραι σὺν εὐ- / θυμία νεοκτίτῳ / ὠλόλυξαν, ἔ- / κλαγεν δὲ πόντος · ἠϊθεοὶ δ’ ἐγγύθεν / νέοι παιάνιξαν ἔρατᾶ οπι).

Ao fim, reserva-se para Teseu um desfecho apoteótico, que, segundo argumento, pode ser entendido como um símbolo da liderança de Atenas dentro da Liga de Delos²¹. Ao retornar do mar, Teseu traz consigo um manto purpúreo (112), uma irreprochável guirlanda escura de rosas (114-16) e “brilhavam em torno de seus membros os dons dos deuses” (123-24). Em resumo, ele surge como uma “maravilha a todos” (θαῦμα πάντεσσι, 123). Especificamente para o período em que Baquilides teria composto seu ditirambo, Gouschín (1999, p. 170) nota que “alguns *scholars* relacionam o renascimento da lenda de Teseu com o aparecimento da Liga de Delos. Sendo Teseu um herói jônio, ele tornou-se um herói imperial”. Mello (2012, p. 70) lembra bem que a vitória de Teseu sobre Mínos, ao fim do poema, glorifica o saber democrático em detrimento do aristocrático:

¹⁹ Até mesmo o ato de Teseu se lançar ao mar tem uma interpretação política. Para Irwin (2012, p. 57), por exemplo, esse momento da narrativa faria alusão ao momento histórico em que Atenas se lançou ao mar ficando à mercê de Posêidon.

²⁰ Ver Gerber (1982) sobre possível identificação de κοῦραι com as Nereidas.

²¹ O manto purpúreo e aspecto brilhante são características típicas do rei épico. Odisseu, por exemplo, quando se identifica para Penélope como o cretense Étone (neto de Mínos), diz que o marido dela (o próprio Odisseu) estivera em Creta antes de chegar a Troia. Para provar a veracidade de suas palavras, ele nota que Odisseu estava com “manto purpúreo” e uma “túnica brilhante” (*Odisseia*, XIX, 225-35). Gouschin (1999, p. 169) levanta a hipótese de que os dois ditirambos de Baquilides (odes 17 e 18) poderiam ter sido inspirados na figura de Cimão, um importante comandante marítimo ateniense, vencedor de muitas batalhas navais no período da formação da Liga de Delos. Ver Tucídides (1.98.1; 1.100.1; 1.102.1; 1.112.2).

A consagração de Teseu como “um homem do mar” (Walker 1995, pp. 83–85) ao fim do poema, por outro lado, provaria sua habilidade “na arte da navegação, de orientar-se ao confuso e instável mar” o que, para Walker, faz dele um representante da “nova e adquirida *sophía* da marinha democrática ateniense, uma *tekhné* que não requer justificativa mítica, mas que conta com a prova fornecida por seu próprio sucesso”. Isso se oporia, segundo o autor, à “suposta *areté* inata da aristocracia hoplita”, tão celebrada pelos oradores do mito da autoctoneidade, revelando que, ao fim, o Teseu de Baquilides “mostrou ser um verdadeiro representante dos atenienses comuns”.

Também quanto à questão do anel é possível formar uma interpretação política. À primeira vista, Teseu volta do mar sem ter cumprido o desafio de Minos, ou seja, sem ter trazido de volta o anel – pelo menos, não se faz menção desse objeto aquando de seu retorno do mar²². Scodel (1984, p. 142) nota que é possível tacitamente assumir que Teseu tenha retornado com ele, mas o certo é que o anel fica ignorado²³. A meu ver, é possível inferir implicações políticas a partir desse ato, que representaria a transferência do poder hegemônico no mar Egeu de Creta para Atenas²⁴. Para Pavlou (2012, p.538), o poema como um todo legitima o domínio político e

²² Mesmo Minos, em seu segundo discurso, depois de Zeus ter lançado o raio em seu favor, não fala novamente nesse objeto. Do mesmo modo, não há menção do gesto de se atirar o anel, ou seja, é preciso entender esse gesto a partir do desafio.

²³ Teseu o trouxe de volta ou não? Mesmo Minos, em seu segundo discurso, depois de Zeus ter lançado o raio em seu favor, não fala novamente nesse objeto. Pavlou (2012) mostra que o anel de Minos está inteiramente ausente das evidências iconográficas. Nesse sentido, Irwin (2012) nota que a maioria dos estudiosos dá como invenção de Baquilides esse detalhe. *Contra* Scodel (1984). Irwin (2012, pp. 54–5) ainda fornece uma lista exaustiva com todos os estudos sobre a questão do anel. Plutarco (*Teseu*, 19) ao tratar da viagem de Teseu para Creta, por exemplo, não menciona a disputa entre ele e Minos, portanto, não faz nenhuma referência ao anel. Sobre o mito em si, Pavlou (2012, p. 511) mostra que esse ditirambo é a primeira fonte que temos do mergulho de Teseu por causa de seu confronto com Minos, e a primeira representação visual do encontro entre Teseu e sua “madrasta” Anfitrite vem de uma taça atribuída a Onésimo datando por volta de 500–490 a.C. Apesar de o ditirambo mostrar Teseu sendo recebido por Anfitrite, Burnett (1987, p. 163) nota que, mais frequentemente, Teseu era recebido por Poseidon, estando ele sozinho ou acompanhado da esposa.

²⁴ Historicamente, o império marítimo de Atenas dataria do fim das guerras pérsicas. Segundo Tucídides (1.18.3), a frota ateniense começa a ser expressivamente mais forte na Grécia nesse período. O historiador afirma que foi Temístocles “quem primeiro ousou dizer que havia necessidade de prender-se ao mar e logo trabalhou para estabelecer o império” (1.93.4). Os trechos de Tucídides utilizados neste artigo são de tradução de Anna Lia Amaral de Almeida Prado (2008).

cultural de Atenas no mar Egeu, e o fato de o poema não mais mencionar o anel, seria um símbolo da força de Atenas (Teseu) sobrepondo-se a de Creta (Minos):

Em Creta a palavra κόσμος designava o chefe dos magistrados das cidades-estados, cujo poder pode era entendido como equivalente àquele dos éforos espartanos. Olhando por esse ângulo, o lançamento do anel e a não recuperação dele parecem simbolizar a troca de poder político/econômico e de autoridade dos cretenses (e sua talassocracia) para os atenienses.

“Anel” no ditirambo é referido como “áureo, esplêndido adorno de dedo” (τόνδε χρύσειον / χειρὸς ἀγλαὸν / κόσμον, 60-2). É possível traçar um paralelo histórico. Niemeier (2004, p. 394) informa que os “anéis de ouro de Cnossos” eram utilizados, aparentemente, como sinais do poderio central de Cnossos em outras regiões da ilha de Creta. Se, como nota Fearn (2013, p. 133), o mito tal qual exposto por Baquilides está fortemente vinculado a uma “agenda ateniense”, concordo com Pavlou (2012): a intenção do ditirambo é fazer com que Atenas (Teseu) se torne o poder hegemônico no mar Egeu. Ceos, por exemplo, a ilha de Baquilides, apresentava muitos vestígios de influência cretense²⁵. Assim, com o subsequente domínio ateniense no Mar Egeu, percebe-se como esse poderio reflete o regime democrático na região – e, conseqüentemente, como Teseu representa esse regime no poema.

Heródoto (3.122) e Tucídides (1.4) dão notícia do domínio cretense no Egeu. A questão da hegemonia naval cretense, ou o “império minoico”, porém, é um problema que ocupou grande parte das discussões dos historiadores no último século. No caso de Minos, poderia ser ele relacionado de fato a um real talassocrata no mundo grego? Em primeiro lugar, note-se que a chamada “talassocracia minoica” teria se dado em um período muito anterior, durante o intervalo de 1570 – 1400 a.C. Nem todos os estudos, porém, concordam a respeito de sua real existência. Starr (1955) não hesita em afirmar categoricamente, baseada em investigações arqueológicas, que a talassocracia de Minos nunca existiu. Dow (1967) é mais precavido e afirma que Creta pode ter formado um “império cultural”. Branigan (1981) investiga as “colônias” minoicas em separado e arrola um grande número de quesitos que mostram um “colonialismo”

²⁵ Starr (1955, p. 289) nota que “Homero conhecia Minos como regente de Cnossos, mas não o tinha como talassocrata”. Heródoto (3.122.2), por sua vez, contesta a ideia de uma talassocracia minoica, embora Tucídides (1.4) a dê por certo.

minoico no Egeu. Niemeier (2004), por fim, entende como inquestionável o domínio de Creta sobre o mar Egeu²⁶.

Um dos indícios históricos que possibilita se pensar em um “império minoico” seriam as várias localidades denominadas “Minoa” no mar Egeu. Segundo Dow (1967, p. 9; p. 13) cada uma das diferentes “Minoas” (haveria nove no total) seria “uma pequena guarnição e um posto de comércio e de coleta de tributos”, e Ceos seria uma delas. Niemeier (2004, p. 394) nota que Creta exercia um forte poder político na ilha. Ademais, Branigan (1981) chega a especular que um desses vestígios em Ceos pode ser entendido como edifício de residência de um governador cretense. Vestígios de práticas religiosas também podem ser encontrados na ilha, embora ele note que não há indício de presença militar minoica. Ao fim, ele conclui que os cretenses estavam miscigenados na população ceana.

Também arqueologicamente pode-se notar que Creta exerceu grande influência na ilha de Ceos. Conforme explica Dow (1967, p. 11):

Na ilha de Ceos, um porto natural para toda navegação das ilhas Cíclades para o continente grego, J. L. Caskey escavou uma notável cidadela no limite da água, de fato, parcialmente submersa, repleta de vestígios minoicos. (...) Então aqui está a prova dos interesses que qualquer talassocrata cretense teria pelas ilhas, e que Tucídides afirma que Minos teria.

O fato é que o Teseu construído por Baquilides em muito se assemelha ao domínio ateniense no mar Egeu. Ao período das guerras pérsicas, e também no pós-guerra, Atenas exerceu papel preponderante entre os gregos. Contra os persas, a cidade foi uma das principais lideranças. No período subsequente, ela dedicou-se a formar um “império” no mar Egeu a pretexto de “devastar os territórios do Rei [persa] como represália do que haviam sofrido²⁷”. Surge então a chamada “Liga de Delos”. Segundo Tucídides (1.96), a liderança ateniense sobre os jônios exigia duas formas de contribuição: uma em dinheiro, outro em navios, e a sede do tesouro seria Delos, em cujo santuário dar-se-iam as reuniões. Como nota French (1979), entretanto, Tucídides mostra que os atenienses utilizaram a Liga de Delos para fins próprios, ou seja, para estabelecer sua hegemonia na região, e que o “devastar os territórios do Rei” não foi posto em prática. Nesse sentido, “Tucídides mostra que Atenas exerceu uma pressão assustadora

²⁶ O mesmo autor mostra que se formaram duas escolas teóricas a esse respeito: uma que advoga pela “talassocracia minoica”, outra que entende o domínio cretense apenas como cultural e econômico, não político.

²⁷ Tucídides (1.96).

nos estados gregos a fim de produzir um clima de medo²⁸. A belicosidade de Teseu nos ditirambos (no 17 e também no 18, como será visto adiante) devia, portanto, ser enfatizada e posta em primeiro plano.

Pavlou (2012, pp. 512-13) deixa claro que a ode 17 é um poema²⁹ em que se mostra “o resultado tanto da tentativa de Atenas de ideologicamente acentuar e legitimar seu poder no mundo grego no período que sucede às guerras pérsicas, como da vontade de Ceos de jogar esse jogo de propaganda a fim de assegurar seus interesses”. No que diz respeito a Ceos, sabe-se que a ilha demorou para ingressar na Liga de Delos. A primeira notícia que se tem de Ceos como aliada de Atenas remonta a um período posterior, a saber, ao ano de 451/50 a.C.³⁰. Fearn (2007, p. 245) ainda informa que haveria, em certos pontos da ilha, uma certa má-vontade para com os interesses imperialistas de Atenas, que exercia uma liderança severa na Liga de Delos. Essa cidade era ofensiva, como Teseu do ditirambo 17³¹. Logicamente, é preciso sempre ter em mente que a Ode 17 é realizada pelos habitantes de Ceos, não por atenienses, num festival da ilha de Delos, décadas antes de se ter a primeira notícia de Ceos como participante da Liga. O Teseu protetor e ofensivo de Baquilides, sempre elogiado em detrimento de Minos, augura para Ceos uma nova era. Se os cretenses ou os persas têm intenções sobre o Mar Egeu, Atenas, jônia como Ceos, pode defendê-los. Mas se as ilhas se recusarem a se submeter a Atenas, a cidade, então maritimamente imperialista, é ofensiva e pode exigir submissão.

Ditirambo 18

O ditirambo 18, dedicado aos atenienses e apresentado sob patrocínio da cidade³², também tem por título o nome de Teseu. Ele apresenta uma estrutura peculiar, já que é

²⁸ French (1979, p. 137).

²⁹ A autora não o considera como ditirambo, mas sim, peã.

³⁰ Cf. West (1930) e Fearn (2007, p.245).

³¹ A ilha de Naxos, por exemplo, em uma tentativa de defecção, foi sitiada e forçada a se render pelos atenienses. O fim de Naxos foi a escravidão – Tucídides (1.98.4). A ilha de Tasos também tentou desertar, mas foi logo invadida pelos atenienses. Após três anos de sítio, os tásios tiveram seu muro demolido e foram forçados a entregar seus navios, a pagar uma multa e a abandonar suas minas na Trácia – Tucídides (1.99.2; 1.101.3). Assim se formava o império naval ateniense. Eles ainda guerrearam contra Egina, e tomaram todos os seus navios – Tucídides (1.105.2). Por fim, Egina teve suas muralhas demolidas e foi obrigada a pagar o *fóros*, a taxação ateniense sobre seus aliados – Tucídides narra esses acontecimentos dentro da seção chamada “pentecontaetia”, ou seja, eles estão situados nos cinquenta anos que se sucederam entre a retirada de Xerxes e o início da guerra do Peloponeso. French (1979, p. 136) informa que tal seção da obra de Tucídides abarca o período de 479-435 a.C.

³² Cf. Burnett (1985, p. 177).

inteiramente composto por um diálogo entre o coro, um grupo de atenienses vestidos como jovens soldados do passado, e Egeu, representado por um *performer* solo vestido como um rei legendário³³. Há quatro estrofes, cada uma encerrando um discurso de um dos personagens. O assunto do diálogo é a chegada de Teseu a Atenas, embora o nome desse herói nunca seja mencionado. Como nota Wind (1972, p. 512), Egeu e o coro, na verdade, desconhecem a identidade do indivíduo que chega, o que geraria uma atmosfera de suspense. É difícil precisar a que tempo mítico os eventos do enredo pertencem. É possível constatar que Teseu vai em direção a Atenas a partir do Istmo, e, a partir disso, Wind (1972, p. 512) e Mello (2012, p. 30) localizam essa viagem precisamente quando o herói deixa Trezena e se dirige a Atenas em busca do pai. Flores (2006, p. 169), por outro lado, nota que esse deslocamento evoca o retorno de Teseu de Creta, após ter vencido o Minotauro.

Esse ditirambo também se ocupa em estabelecer uma imagem de um Teseu que luta contra homens fortes e injustos. Na primeira fala de Egeu, há referência a uma localidade, Crêmion (situado entre Corinto e Mégara, onde Teseu matou “a porca assassina de homens”, σῦν τ’ ἀνδροκτόνον, 23), e quatro referências a homens vencidos por ele: Sínis (conhecido como “encurva-pinheiro”, πιτυοκάμπτης³⁴, por prender suas vítimas entre dois pinheiros encurvados e depois desmembrá-las), Círon (atuante na fronteira de Mégara, ele pedia aos viajantes que lavassem seu pé a fim de chutá-los ao mar, assim matando-os³⁵), Cércion (árcade, atuante em Êleusis, que obrigava os viajantes a lutar com ele, matando os perdedores³⁶), e Procoptes (ou Procrustes, atuante em Erineus, que media os viajantes a partir de uma cama, cortando os mais altos e esticando os mais baixos³⁷).

Entretanto, nota-se que a chegada de Teseu causa diferentes reações nos interlocutores do poema. O coro de atenienses, a quem pertence a primeira fala, faz ressoar desde o início uma atmosfera bélica dentro do curso da ação dramática: “por que há pouco ressoou a salpinge / de brônzeo bocal seu canto de guerra?” (τί νέον ἔκλαγε χαλκοκώδων / σάλπιγξ πολεμηϊᾶν αἰοιδάν, 3-4). Para o coro fica a impressão de que um exército inimigo ou ladrões mal-intencionados se achegam das fronteiras de sua cidade (5-10). Novamente, portanto, assim como

³³ Cf. Burnett (1985, p. 177). Sobre o coro, ver Mello (2012, p. 112).

³⁴ Plutarco (*Teseu*, 8.2). A luta entre Teseu e Sínis foi um motivo pictórico recorrente nos vasos áticos do século V a.C., cf. Tillyard (1913). O mesmo autor informa que os jogos ístmicos foram instituídos com um motivo funerário que remonta à morte de Sínis.

³⁵ Plutarco (*Teseu*, 10.1).

³⁶ Plutarco (*Teseu*, 11.1).

³⁷ Plutarco (*Teseu*, 11.1).

os epítetos de Teseu no ditirambo 17, vemos a imagem do herói essencialmente entendida em termos bélicos. Tal é o assombro causado entre os cidadãos de Atenas que o coro visualiza no semblante de Egeu um indício de preocupação: “o que lacera teu coração” (ἦ τί τοι κραδίαν ἀμύσσει, 11).

A fala de Egeu, por sua vez, fornece a primeira descrição, feita superlativamente, de Teseu. Ele reproduz o que um mensageiro recém-chegado do Istmo lhe relatara (16-17). Aí, os feitos de Teseu são tidos como “inefáveis trabalhos” (ἄφατα δ’ ἔργα, 18) e sua índole é marcada desde o início pela força: “um poderoso / homem” (κραταιοῦ / φωτός, 18-19). Nesse ponto, então, Egeu narra como Teseu se sobrepôs aos facínoras que atacavam os viajantes no caminho do Istmo para Atenas, como enumerado acima. Interessa notar que todos esses criminosos também são descritos superlativamente, ou seja, imprime-se automaticamente a Teseu, que conseguiu desbancá-los, maior glória bélica. Sínis é tido como “o mais bravo entre os mortais / por sua força” (ὄς ἰσχυῖ φέρτατος / θνατῶν ἦν, 20-1). Círon é descrito apenas como “insolente” (ἀτάσθαλόν, 24), o que, de certa forma, confere a Teseu um ânimo oposto à insolência. Sobre Cércion, informa-se que mantinha uma “palestra” (παλαίστραν, no sentido de “escola de luta”, 26), reforçando o ardor aguerrido do herói ateniense. Finalmente, sobre Procoptes, Egeu diz que Teseu “o robusto martelo de Polipemo derrubou” (Πολυπήμονός τε καρτερὰν / σφῦραν ἐξέβαλεν, 27-8), por ser Teseu “um homem melhor” (ἀρείονος τυχῶν / φωτός, 29-30) do que aquele.

Finda essa narrativa, entretanto, Egeu se mostra temeroso: “temo como isso terminará!” (ταῦτα δέδοιχ’ ὅπῃ τελεῖται, 30). Para Mello (2012, p. 117) essa exclamação affita de Egeu “sintetiza a ideia sugerida pelo comparativo ἀρείονος do verso anterior, de que um homem capaz de vencer tais criaturas deve ser, ele próprio, terrível³⁸”. Dessa forma, a identidade do homem que faz Egeu sentir medo e o poder bélico que o acompanha são as questões que o coro deseja exatamente saber: “quem ele diz ser esse homem e de onde vem? / Como está equipado?” (τίνα δ’ ἔμμεν πόθεν ἄνδρα τοῦτον / λέγει, τίνα τε στολὰν ἔχοντα; 31-2). Mais uma vez, o aspecto militar se faz central. O coro, aparentemente incrédulo de tamanhas façanhas perpetradas por um só homem, indaga então se a ele acompanha um grande exército ou se ao menos acompanhantes o seguem (33-37). Enfim, a bravura de Teseu é exaltada a partir do vigor daqueles a quem o herói suplantou, como mencionado acima: “forte, vigoroso, destemido, / que

³⁸ Uma vez que Egeu não sabia que estava, na verdade, falando a respeito de seu filho, estudiosos, como Wind (1972, p. 512), notam a ironia da cena. Para Lefokowitz (1987, p. 364), Baquilides aqui é explicitamente irônico, pois a audiência saberia que, com a chegada de Teseu, Egeu, em um momento posterior, morreria.

a poderosa força / de tais homens deteve” (ἰσχυρόν τε καὶ ἄλκιμον / ᾧδε καὶ θρασύν, ὅς τε τούτων / ἀνδρῶν κρατερόν σθένος ἔσχευ, 38-41).

Em outra fala de Egeu, o aspecto marcial de Teseu continua a ser ressaltado. Na verdade, há toda uma estrofe destinada a enumerar o armamento do herói (“espada de punho de marfim”, “duas lanças polidas”, “elmo lacedemônio”, 48-50) e a descrever suas características físicas³⁹. Juventude e pensamentos voltados a Ares são marcantes: “é menino / na flor da idade e dos passatempos de Ares / se ocupa: da guerra e / do retinir do bronze na batalha” (παῖδα δ’ ἔμμεν / πρώθηβον, ἀρηΐων δ’ ἀθυρμάτων / μεμνᾶσθαι πολέμου τε καὶ / χαλκεοκτύπου μάχας, 56-9). Para Mello (2012, p. 121) o temor com que Egeu finaliza sua primeira fala dá lugar aqui a uma certa admiração.

Sendo assim tão forte, ao coro imediatamente sucede entendê-lo como um homem guiado pelos deuses: “por certo um deus o impele / a tramar punições para os injustos” (ἧ θεὸς αὐτὸν ὀρμᾷ, / δίκας ἀδίκοισιν ὄφρα μήσεται, 41-2). Não é, portanto, apenas a força bruta que faz Teseu se distinguir dos demais. Seus atos são justificados pelos poderes divinos e, além disso, vê-se aqui que, ao seu vigor físico, une-se a destreza mental. Como nota Wind (1972, p. 520), o verbo μήσεται (“tramar”, 42) “tem uma conotação de inquirição e de inteligência perspicaz, características não inteiramente congruentes com a imagem do guerreiro apresentada ao logo de todo o poema”. Novamente forma-se uma imagem de Teseu como aquele que livra os mais fracos (no caso, os viajantes que passavam por aquelas regiões) da injustiça dos mais fortes.

De certa forma, a imagem de Teseu é vista pelo coro, na ode 18, como sendo aprovada pelas instâncias divinas. Essa ligação com os deuses também é sentida no ditirambo 17, pois, como se viu, Teseu é aí bem recebido pelo mar e pela deusa Anfitrite. As máximas também estão presentes em ambos os poemas, e essa sabedoria religiosa sempre está ao lado de Teseu. No ditirambo 17, após Teseu se lançar ao mar, Minos ordena que a embarcação continue seu rumo, mas o seguinte aforismo indica que os planos do rei de Creta serão contrariados: “mas o destino preparava outro rumo” (μοῖρα δ’ ἑτέρων ἐπόρουν’ ὁδόν, 89). Do mesmo modo, quando Teseu termina de receber os presentes de Anfitrite, tal situação é adornada pelo seguinte aforismo: “incrível aos mortais de mente sã / não é o que quer que queiram os numes” (ἄπιστον ὅ τι δαίμονες / θέωσιν οὐδὲν φρενοάραις βροτοῖς, 117-18). O ditirambo 18, na voz do coro, resume a vitória de Teseu sobre aqueles que praticavam injustiça nos seguintes termos: “pois não é fácil para quem sempre age / não se deparar com o mal. / Tudo finda no longo curso do

³⁹ Para uma análise completa da descrição do armamento de Teseu, bem como sua caracterização física, ver Mello (2012, pp. 121-26).

tempo” (οὐ γὰρ ῥάδιον αἰὲν ἔρ- / δοντα μὴ ἔντυχεῖν κακῶ. / πάντ’ ἐν τῷ δολιχῷ χρόνῳ τελεῖται, 43-5). É possível dizer, portanto, que o caráter apotegmático dos ditirambos 17 e 18 sempre tem em Teseu o exemplo máximo daquilo que pregam.

A imagem forte de Teseu é, portanto, um sustentáculo para aquilo que é a sua verdadeira vocação, a saber, a luta contra as injustiças cometidas pelos mais fortes sobre os mais fracos. Para Den Boer (1969, p. 8), “num momento em que a lei não oferecia proteção alguma, o herói fundador tomou para si a causa dos oprimidos”. Ao herói de origem aristocrática, de linhagem que remonta aos deuses, é dado um tratamento que o aproxima de quem está desamparado. Teseu livra quem sofre opressão, seja pela força, seja pelo poder.

Teseu em Eurípides: κολαστῆς τῶν κακῶν⁴⁰, τοῖσι δυστυχοῦσι αἰεὶ σύμμαχος⁴¹

Seria possível notar alguma influência de Baquilides na visão que Eurípides faz de Teseu? Notam-se algumas semelhanças entre a figuração de Teseu nesses dois poetas sobretudo a partir da tragédia *As Suplicantes* (421 a.C) e dos dois ditirambos vistos acima. Para o tragediógrafo, Teseu também denota proteção – e esse caráter protetor de Teseu é raramente encontrado na literatura grega contemporânea ou anterior⁴². Em *As Suplicantes*, Eurípides mostra um Teseu

⁴⁰ Eurípides, *As Suplicantes*, 342.

⁴¹ Eurípides, *Piríto*, fr. 7,10.

⁴² Em Homero, por exemplo, muito pouco temos a respeito do herói. Na *Iliada* (1.265), Nestor, ao mencionar os heróis do passado com quem conviveu, refere-se a Teseu desta maneira: “e ainda Teseu, que de Egeu descendia, de formas divinas”. Na *Odisseia*, Odisseu fala dele em duas ocasiões, ambas quando de sua visita ao Hades. Primeiro, ao relatar seu encontro com Ariadne: “Ariadne, / filha de Minos, de mente funesta, que outrora de Creta / levar Teseu pretendeu para o monte sagrado de Atenas” (11.321-3). Depois, após dialogar com Hércules, Odisseu relata que avista Teseu: “Vira, sem dúvida, os priscos varões, que encontrar desejava, / filhos gloriosos dos deuses, Teseu e Piríto” (11.630-1). As traduções da *Iliada* e da *Odisseia* utilizadas neste artigo são de Carlos Alberto Nunes. Como nota Pavlou (2012, p. 511), a ode 17 de Baquilides é primeira fonte literária a respeito do embate entre Teseu e Minos. A imagem de Teseu para os atenienses parece ter sido de grande magnitude. Gouschin (1999, p. 169), por exemplo, elenca três dados principais para corroborar tal afirmativa: 1) o general ateniense Cimão, ao conquistar a ilha de Esciros, encontrou o cadáver de Teseu e, ao levá-lo de volta a Atenas, foi recebido com grande entusiasmo (Plutarco, *Teseu*, 36; *Cimão*, 8.7); 2) os ossos de Teseu foram então enterrados num ponto importante da cidade (Pausanias, 1.17.2-6); 3) Teseu era homenageado por meio de festivais sacrificiais e atléticos como a Teseia, a Sinoikia e a Kybernesia. A autora ainda nota que “desde o início do século VI a.C., a imagem de Teseu já era quase tão popular quanto como a de Hércules na arte ateniense”. Posteriormente, Plutarco, que relaciona o herói como o fundador da democracia (*Teseu*, 24), põe o herói na conta de um justiceiro que faz os injustos perecerem pelo mal que eles infligiam (*Teseu*, 11.2).

defensor dos oprimidos e, apropriando-se dessas características, o tragediógrafo estabelece a relação do herói como defensor da democracia⁴³.

Em essência, *As Suplicantes* tratam de um ato de injustiça e como esse ato pode gerar interpretações de ordem política. A peça mostra como a atitude soberba e impiedosa de Creonte (então rei de Tebas) é geradora de um desequilíbrio. A guerra perpetrada entre os filhos de Édipo, Etéocles e Polinices (este acompanhado dos argivos), causou a ruína de Argos. Uma vez que Tebas venceu a guerra, Creonte proíbe que os corpos dos derrotados sejam enterrados. Adrasto, rei de Argos, vê-se obrigado a recorrer a Atenas, onde governa Teseu, que não lhe nega auxílio. Em certo momento, um mensageiro tebano chega a Atenas e indaga a Teseu sobre a identidade do rei da cidade (τίς γῆς τύραννος, 399). Teseu, então, responde nos seguintes termos: “não é governada por um só homem, mas é livre esta cidade” (οὐ γὰρ ἄρχεται ἐνὸς πρὸς ἄνδρος, ἀλλ’ ἔλευθέρα πόλις, 404-5). Prenuncia-se aí a defesa que este personagem fará da democracia.

Ao debater com o mensageiro tebano sobre os regimes políticos governados por um ou por vários, Teseu ressalta que uma cidade e seu povo não são respeitados onde quer que haja um monarca no poder: “nada é mais hostil para a cidade do que um tirano” (οὐδὲν τυράννου δυσμενέστερον πόλει, 429). Além disso, nota que a questão da igualdade entre pobres e ricos acontece somente onde há leis escritas: “estando escritas a lei, o fraco e o rico são iguais perante a justiça” (γεγραμμένων δὲ τῶν νόμων ὅ τ’ ἀσθενὴς / ὁ πλούσιός τε τὴν δίκην ἴσην ἔχει, 433-4). Ao seu *status* de defensor, portanto, faz-se um paralelo com o regime democrático, e a atitude benevolente de Teseu serve então como justificção da benevolência da democracia. De fato, tal *status* está explicitamente elaborado na peça: “pois tendo feito muitos nobres feitos, eu

⁴³ Teseu também está presente na peça *Hércules*, em que se valoriza sobretudo a benevolência do herói no âmbito de sua amizade para com Hércules. A peça fragmentária *Teseu*, cuja datação fica em torno de 422 a.C, provavelmente tenha encenado a estadia de Teseu em Creta. Além de Teseu, o drama talvez contasse com Minos e Ariadne como personagens. O que se pode inferir a respeito do herói ateniense, porém, é feito por contraposição a Minos, que, segundo Sutton (1978, p. 51) seria representado como violento, antagonizando o civilizado e solidário Teseu. Novamente, portanto, ressalta-se o aspecto generoso do herói, embora não seja possível averiguar como esse caráter tenha sido construído. Do drama satírico *Círon* restam apenas cinco pequenos fragmentos, que nem ao menos permitem datar a peça. O fragmento 678, por exemplo, tem a atribuição de fala desconhecida, mas Collard (2008, p. 157) afirma que é feita aí uma referência a Teseu: “É certamente bom punir os maus” (ἔστι τοι καλὸν κακοὺς κολάζειν, F 678). De maneira semelhante, a peça *Piríto* de Eurípides relaciona Teseu ao infortúnio dos desgraçados – sobre a autoria duvidosa da peça (Eurípides ou Crítias?), ver Collard (2008, pp. 629-39). Por meio dos escassos fragmentos sobreviventes, destaca-se um diálogo entre Hércules e Teseu travado no Hades. O herói ateniense oferece ajuda para dominar Cérbero, mas Hércules rejeita o auxílio do amigo por medo que Euristeu invalide esse trabalho. Para agradecê-lo, Hércules se dirige a Teseu da seguinte maneira: “Teseu, tuas palavras são dignas de ti e da cidade de Atenas: tu és sempre aliado dos desafortunados” (σαυτῶι τε,] Θεσεῦ, τῆι τ’ Ἀθηναίων πόλει / πρέποντ’ ἔλεξας· τοῖσι δυστυχούσι γὰρ / ἀεὶ ποτ’ εἶ σὺ σύμμαχος, F 7.8-10). Assim foi Teseu aliado de Eribeia no ditirambo 17.

colhi tal reputação entre os gregos, de sempre punir os que praticam o mal”, (πολλὰ γὰρ δράσας καλὰ / ἔθος τόδ’ εἰς Ἑλληνας ἔξελεξάμην, / ἀεὶ κολαστῆς τῶν κακῶν καθεστάναι, 339-42). O teor democrático do seu discurso, igualmente, fica evidente quando ele intenta submeter sua decisão de resgate aos cadáveres argivos, tal como solicitado por Adrasto, ao poder popular dos atenienses: “mas eu necessito do aval de toda a cidade, também eu concordando: compartilhando o intento eu terei o povo melhor disposto. Eu fiz do povo monarca, libertando a cidade onde todos votam igual” (δόξει δὲ χρήζω καὶ πόλει πάσῃ τότε. / δόξει δ’ ἐμοῦ θέλοντος· ἀλλὰ τοῦ λόγου / προσδοῦς ἔχοιμ’ ἂν δῆμον εὐμενέστερον. / καὶ γὰρ κατέστησ’ αὐτὸν ἐς μοναρχίαν / ἐλευθερώσας τήνδ’ ἰσόψηφον πόλιν, 349-53).

Tal como ocorre no ditirambo 17 de Baquílides, na defesa à Eribeia, os jovens têm uma posição assegurada na agenda defensiva de Teseu. Ao fazer uma oposição entre as formas de governo (tirania *vs.* democracia), ele nota que a democracia folga em ter uma juventude como “base” para o futuro (ὑποῦσιν ἄστοις ἦδεται νεανίαις, 443), enquanto ao tirano essa população causaria certo temor (444-6). Especialmente com relação às moças, ele diz: “[Para que] educar bem as jovens meninas nas casas? Agradável prazer para os tiranos, que as terão quando quiserem; sofrimento para aqueles que as criaram” (ἦ παρθενεύειν παῖδας ἐν δόμοις καλῶς, / τερπνὰς τυράννοις ἡδονάς, ὅταν θέλῃ, / δάκρυα δ’ ἐτοιμάζουσι, 452-4). E a sua conclusão indica que ele nunca poderia aceitar tal situação, tal como não aceita no ditirambo 17 de Baquílides: “que eu não esteja vivo, se minha prole houver de ser dada em casamento por violência!” (μὴ ζῶην ἔτι, / εἰ τὰμὰ τέκνα πρὸς βίαν νυμφεύσεται, 454-5).

À guisa de conclusão

Os traços de um Teseu guerreiro que utiliza sua força para praticar o bem em favor dos desamparados, tal qual estabelecidos por Baquílides, também servem de modelo para Eurípides construir um Teseu democrático em *As Suplicantes*. Nessa peça, seu aspecto de benfeitor é sobretudo direcionado para ilustrar as prerrogativas democráticas de se igualar o forte e o fraco, o rico e o pobre. Esse Teseu, que se tornou símbolo central da Atenas que surgia como um dos poderes hegemônicos na Grécia do século V a.C., obedece a um padrão comportamental peculiar. Sua figura se modela como defensor daqueles que são sufocados por algum tipo de opressão. Atenas precisava transmitir uma imagem que revelasse força e potência militar para seus aliados, recentes ou de longa data, à época do fim das guerras pérsicas. Ao mesmo tempo, para justificar sua liderança e evitar revoltas, seria de bom tom destacar seu papel de protetor dos jônios contra potências estrangeiras. Assim foi feito Teseu por Baquílides, incorporando todos

esses aspectos. Inspirando temor e assombro em seus antagonistas, ele é capaz também de inspirar, por meio de suas ações benevolentes, admiração e esperança em seus protegidos.

Note-se ainda que o Teseu tal qual apresentado por Baquilides pode ter servido de molde a poetas posteriores, no caso, Eurípides, que fez uso dessa herança poética para fins notadamente políticos. Ao longo do século V a.C., portanto, Teseu foi configurado por esses poetas, Eurípides sendo devedor de Baquilides, segundo os contextos históricos em que viviam. Baquilides viu a formação da Liga de Delos em seu início e, para isso, fez de Teseu um símbolo da Atenas forte e, ao mesmo tempo, protetora. Eurípides, à época do início da Guerra do Peloponeso, reafirmou os valores democráticos prenunciados pelo poeta de Ceos. A Eribeia do ditirambo 17 antecipa o povo, tal como configurado em *As Suplicantes*, que será protegido das veleidades de tiranos, no caso prefigurados em Minos. O ditirambo 18 igualmente mostra facínoras derrotados por Teseu como um vislumbre de um regime que se quer opositor da tirania.

Referências Bibliográficas

- BRANIGAN, K. “Minoan Colonialism”. *The Annual of the British School at Athens*, Vol. 76 (1981), pp. 23-33.
- BURNETT, A. *The Art of Bacchylides*. Cambridge, Harvard University Press, 1985.
- CLARK, C. “Minos’ Touch and Theseus’ Glare: Gestures in Bakkhylides 17”. *Harvard Studies in Classical Philology*, Vol. 101 (2003), pp. 129-153.
- COLLARD, C., CROPP, M. *Euripides. Fragments. Oedipus-Chrysippus*. Cambridge, Harvard University Press, 2008.
- D’ALESSIO, G. “The name of the Dithyramb”. IN: KOWALZIG, B., WILSON, P. *Dithyramb in Context*. Oxford, Oxford University Press, 2013.
- DAVIE, J. “Theseus the King in Fifth-Century Athens”. *Greece & Rome*. Vol. 29, No.1 (Apr., 1982), pp. 25-34.
- DEN BOER, W. “Theseus: the Growth of a Myth in History”. *Greece & Rome*, Vol. 16, No. 1 (Apr., 1969), pp. 1-13.
- DOW, S. “The Minoan Thalassocracy”. *Proceedings of the Massachusetts Historical Society*, Third Series, Vol. 79 (1967), pp. 3-32.
- FEARN, D. *Bacchylides: Politics, Performance, Poetic Tradition*. Oxford, Oxford University Press, 2007.
- _____. “Athens and the Empire: The Contextual Flexibility of Dithyramb, and its Imperialist Ramifications”. IN: KOWALZIG, B., WILSON, P. *Dithyramb in Context*. Oxford, Oxford University Press, 2013.
- FLORES, G. “Ode 18, Teseu chega a Atenas”. *Letras Clássicas*, n.10, pp. 169-174, 2006.

- FRENCH, A. "Athenian Ambitions and the Delian Alliance". *Phoenix*, Vol.33, No.2 (Summer, 1979), pp. 134-141.
- GERBER, D. *Euterpe. An Anthology of Early Greek Lyric, Elegiac, and Iambic Poetry*. Amsterdam, Adolf M. Hakkert Publisher, 1970.
- GERBER, D. "Bacchylides 17, 124-29". *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, Bd. 49 (1982), pp. 3-5.
- GISEKAM, G. "Some Textual Problems in Bacchylides XVII". *The Classical Quarterly*, Vol. 27, No. 2 (1977), pp. 249-255.
- GOUSHIN, V. "Athenian Synoikism of the Fifth Century B.C., or Two Stories of Theseus". *Greece & Rome*, Vol. 46, No.2 (Oct., 1999), pp. 168-187.
- IRWIN, W. "Bacchylides 17: Theseus, Minos and Delian League Ideology" IN: *IV Simpósio Letras Clássicas*. São Paulo, Humanitas, 2011.
- KOHN, T. "The Wishes of Theseus". *Transactions of the American Philological Association* (1974-), Vol. 138, No. 2 (Autumn, 2008), pp. 379-392.
- LEFKOWITZ, M. "Review". *Classical Philology*, Vol. 82, No. 4 (Oct., 1987), pp. 363-365.
- MAEHLER, H. *Die Lieder des Bakchylides II*. Leiden, Brill, 1997.
- MELLO, M. Os ditirambos de Baquíledes: um poeta entre dois mundos. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- MICHELINI, A. "Political Themes in Euripides' Suppliants". *The American Journal of Philology*, Vol. 115, No. 2 (Summer, 1994), pp. 219-252.
- MILLS, S. *Theseus, Tragedy, and the Athenian Empire*. Oxford, Oxford University Press, 1997.
- NICOLA, F. "A. Severyns. Bacchylide. Essai biographique". *L'antiquité classique*, Tome 3, fasc. 1, 1934. pp. 318- 321.
- NIEMEIER, W. "When Minos ruled the waves: Knossian Power overseas". *British School at Athens Studies*, Vol. 12, KNOSSOS: PALACE, CITY, STATE (2004), pp. 393-398.
- OEVEREN, C. "Bacchylides Ode 17: Theseus and the Delian League". IN: PFEIJFFER, I, SLINGS, S. (eds.) *One Hundred Years of Bacchylides*. Amsterdam, 1999.
- PAVLOU, M. "Bacchylides 17: Singing and Usurping the Paean". *Greek, Roman, and Byzantine Studies Vol. 52* (2012), pp. 510-539.
- PIEPER, G. "Conflict of Character in Bacchylides' Ode 17". *Transactions of the American Philological Association*, Vol. 103 (1973), pp. 395-404.
- RAGUSA, G. *Lira Grega: Antologia de Poesia Arcaica*. São Paulo, Ed. Hedra, 2014.
- SCHMIDT, D. "Bacchylides 17: Paean or Dithyramb?" *Hermes*, 118. Bd., H. 1 (1990), pp. 18-31.
- SCODEL, R. "The Irony of Fate in Bacchylides 17". *Hermes*, 112. Bd., H. 2 (2nd. Qtr., 1984), pp. 137-143.

- SEGAL, C. “Bacchylides Reconsidered: Epithets and the Dynamics of Lyric Narrative”. *Quaderni Urbinati di Cultura Classica*, No. 22 (1976), pp. 99-130.
- SELTMAN, C. “Theseus and the Minotaur of Knossos”. *The South African Archaeological Bulletin*, Vol. 8, No. 32 (Dec., 1953), pp. 98-99.
- SEVERYNS, A. *Bacchylide. Essai biographique*. Liege, Ed. Droz, 1933.
- STARR, C. “The Myth of the Minoan Thalassocracy”. *Zeitschrift für Alte Geschichte*, Bd. 3, H. 3 (1955), pp. 282-291.
- SUTTON, D. “Euripides’ ‘Theseus’”. *Hermes*, 106. Bd., H. 1 (1978), pp. 49-53.
- TILLYARD, E. “Theseus, Sinis, and the Isthmian Games”. *The Journal of Hellenic Studies*, Vol. 33 (1933), pp. 296-312.
- UNZ, R. “The Chronology of the Pentekontaetia”. *The Classical Quarterly*, Vol.36, No.1 (1986), pp. 68-85.
- WALKER, H. *Theseus & Athens*. Oxford, Oxford University Press, 1995.
- WEST, A. “The Tribute Lists and the Non-Tributary Member of the Delian League”. *The American Historical Review*, Vol. 35, No. 2 (Jan., 1930), pp. 267-275.
- WIND, R. “Myth and History in Bacchylides Ode 18”. *Hermes*, 100. Bd., H. 4 (1972), pp. 511-523. VEYNE, P. *L’identité grecque devant Rome et l’empereur*. In. REG, v. 112, pp. 510-567, 1999.
- WHITMARSH, T. *Beyond the Second Sophistic: Adventures in Greek postclassicism*. Berkeley: University of California Press, 2013.
- _____. ‘Greece is the world’: Exile and identity in the Second Sophistic. In. Goldhill, S. (ed.) *Being Greek under Rome: Cultural identity, the Second Sophistic and the development of Empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- _____. *Greek literature and the Roman Empire: The politics of imitation*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- _____. *The Second Sophistic*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- WILAMOWITZ-MÖLLENDORFF, U. von. *Asianismus und atticismus Lesefrüchte*. In. *Hermes*, v. 35, n. 3, pp. 533-566, 1900.
- WINTERBOTTOM, M. *Declamation and philosophy*. In. *Classica*, v. 19, n. 1, pp. 74-82. Belo Horizonte, 2006.

